

PHILIP ROTH

# INDIGNAÇÃO

*Tradução*  
Jorio Dauster



Copyright © 2008 by Philip Roth

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Indignation

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Renato Potenza Rodrigues

Giovanna Serra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Roth, Philip

Indignação / Philip Roth ; tradução Jorio Dauster. — 1<sup>a</sup> ed. —  
São Paulo : Companhia de Bolso, 2017.

Título original: Indignation.

ISBN 978-85-359-2920-1

1. Ficção norte-americana 1. Título.

---

17-03652

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2017

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORAR SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompahia.com.br](http://www.blogdacompahia.com.br)

*Olaf (upon what were once knees)  
does almost ceaselessly repeat  
“there is some shit I will not eat”*

[Olaf (apoiado sobre o que um dia haviam sido os joelhos)  
repete quase sem cessar  
“não vou comer toda esta merda, não”]

E. E. CUMMINGS,  
*“i sing of Olaf glad and big”*  
[eu canto Olaf alegre e grande]

## SUMÁRIO

Sob o efeito da morfina *11*  
Saindo de baixo *149*

Nota histórica *153*  
Créditos *155*  
Sobre o autor *157*

## SOB O EFEITO DA MORFINA

**CERCA DE DOIS MESES E MEIO DEPOIS** que as bem treinadas divisões da Coreia do Norte, armadas pelos comunistas soviéticos e chineses, atravessaram o paralelo 38 e penetraram na Coreia do Sul em 25 de junho de 1950, dando início às agoniás da Guerra da Coreia, eu entrei para a Robert Treat, uma pequena universidade no centro de Newark que devia seu nome ao homem que fundou a cidade no século XVII. Fui a primeira pessoa de nossa família a entrar para a universidade. Nenhum de meus primos tinha ido além do ginásio, nem meu pai ou seus três irmãos haviam completado o primário. “Trabalhei para ganhar a vida”, disse-me meu pai, “desde os dez anos.” Ele era açougueiro e eu fazia as entregas de bicicleta no bairro durante todo o tempo em que cursei o ginásio, exceto quando jogava beisebol e nas tardes em que participava das disputas com outros colégios como membro da equipe de debatedores. Praticamente desde o dia em que deixei o açougue — onde vinha trabalhando para ele sessenta horas por semana desde a formatura no ginásio, em janeiro, até o início das aulas na universidade, em setembro —, quase a partir do dia em que comecei a frequentar a Robert Treat, meu pai passou a ter medo de que eu morresse. Talvez seu medo tivesse algo a ver com a guerra, na qual as Forças Armadas dos Estados Unidos haviam entrado imediatamente, sob os auspícios da ONU, para auxiliar o exército sul-coreano, mal treinado e mal equipado; talvez tivesse a ver com as pesadas perdas sofridas por nossas tropas diante do poder de fogo dos comunistas, e seu receio de que, se o conflito durasse tanto quanto a Segunda Guerra Mundial, eu seria recrutado pelo Exército para lutar e morrer nos campos de batalha da Coreia como meus primos Abe e Dave haviam morrido

durante a Segunda Grande Guerra. Ou talvez o medo se devesse a suas preocupações financeiras: no ano anterior, com a abertura do primeiro supermercado do bairro a poucas quadras do açougue *kosher* de nossa família, as vendas começaram a cair sem parar. Isso se deveu ao fato de que a seção de carnes e de aves do supermercado oferecia preços inferiores aos de meu pai, mas também ao declínio geral no número de famílias que, após a guerra, se davam ao trabalho de obedecer às normas alimentares judaicas, comprando carne e galinhas numa loja certificada por rabinos e cujo proprietário era membro da Federação dos Açougueiros *Kosher* de New Jersey. Ou, quem sabe, seu medo por mim começou como um medo por ele próprio, porque, aos cinquenta anos, tendo gozado de excelente saúde a vida toda, aquele robusto homenzinho passou a exibir uma tosse sufocante e persistente que, apesar das preocupações que causava em minha mãe, não o impedia de manter um cigarro aceso no canto da boca o dia inteiro. Seja qual for a causa ou combinação de causas que alimentaram a mudança abrupta num comportamento paterno até então benevolente, ele manifestava seu medo me perseguinto noite e dia para saber do meu paradeiro. Onde é que você foi? Por que não estava em casa? Como posso saber onde você está quando vai para a rua? Você é um rapaz com um futuro magnífico à sua frente, como posso saber se não está se metendo em lugares onde pode acabar sendo morto?

As perguntas eram ridículas porque, desde os tempos do ginásio, eu era um estudante prudente, responsável, diligente, cioso, com notas excepcionais, que só saía com as moças mais bem-comportadas; além disso, era um debatedor dedicado e um jogador de beisebol capaz de ocupar várias posições em torno das bases, aceitando de bom grado as normas de conduta aplicadas aos adolescentes da vizinhança e do colégio. As perguntas eram também irritantes — como se o pai com quem eu tinha convivido tão de perto durante todos aqueles anos, praticamente crescendo ao lado dele no açougue, não tivesse a mínima ideia de quem era seu filho e de como ele era. Na loja, os fregueses faziam a alegria dele e de minha mãe ao falar do prazer que sen-

tiam em ver como o garotinho para quem costumavam trazer doces — naqueles tempos em que seu pai o deixava brincar com um pedaço de gordura para cortá-lo como se fosse um “grande açougueiro” embora usando uma faca sem corte — se transformara diante de seus olhos num jovem educado e bem-falante que moía a carne para eles, que espalhava e varria a serragem no chão, que arrancava zelosamente as penas que ainda restavam no pescoço das galinhas penduradas por ganchos à parede quando seu pai lhe dizia: “Markie, capricha aí em duas galinhas para a senhora fulana de tal”. Nos sete meses anteriores à minha entrada na universidade, ele me deu mais do que carne para moer e algumas galinhas para aprontar. Ensinou-me a pegar uma costela de cordeiro e separar as costeletas, talhando cada uma e, ao atingir o fundo, usar o cutelo para afastá-las do resto. E me ensinava sempre da forma mais tranquila. “É só não acertar sua mão com o cutelo e tudo bem”, dizia. Ensinou-me a ser paciente com os fregueses mais exigentes, em especial com aqueles que precisavam ver a carne de todos os ângulos antes de comprá-la, com aqueles para os quais eu tinha de erguer a galinha para que literalmente olhassem o cu da ave a fim de se certificarem de que estava limpo. “Você não acredita o que algumas dessas mulheres te obrigam a fazer antes de comprar uma galinha”, ele explicava. E aí as imitava: “Vira ela. Não, pro *outro* lado. Deixa eu ver a parte de trás”. Cabia-me não apenas depenar as galinhas mas também eviscerá-las. Faz-se um corte para abrir um pouco a cloaca, enfia-se a mão e agarram-se as vísceras puxando-as para fora. Eu odiava essa parte. Nauseabunda e repugnante, mas tinha de ser feita. Foi isto que aprendi com meu pai e o que adorei aprender com ele: que a gente faz o que tem de fazer.

Nossa loja ficava na avenida Lyons, em Newark, um quarteirão depois do Hospital Beth Israel. Na vitrine havia uma espécie de prateleira larga, ligeiramente inclinada na direção da calçada, onde se podia pôr gelo. Um caminhão passava todos os dias e nos vendia gelo picado, que espalhávamos na prateleira e sobre o qual exibíamos cortes de carne que podiam ser vistos

pelos transeuntes. Durante os sete meses em que trabalhei lá em regime de tempo integral antes de ir para a universidade, eu me encarregava de arrumar a vitrine. “Marcus é o artista”, dizia meu pai quando alguém comentava o arranjo. Eu punha tudo à mostra. Carne para bifes, galinhas, pernil de cordeiro — tudo o que tínhamos era posto na vitrine, formando arranjos “artísticos”. Eu pegava samambaiaias na loja de flores em frente ao hospital e enfeitava com elas os produtos exibidos. E não me limitava a cortar e vender a carne ou arrumar a vitrine com o material disponível: durante aqueles sete meses em que substituí minha mãe como ajudante de meu pai, eu o acompanhava bem cedo pela manhã ao mercado de vendas no atacado, onde aprendi também a comprar. Ele ia lá uma vez por semana, às cinco, cinco e meia da manhã, porque, se a gente fosse ao mercado, escolhesse a carne, a levasse até a loja e pusesse na geladeira, poupava o pagamento do entregador. Comprávamos um quarto inteiro de boi ou vaca, comprávamos um quarto dianteiro de cordeiro para fazer costeletas, comprávamos um vitelo, comprávamos alguns fígados de boi, comprávamos algumas galinhas e fígados de galinha, e também comprávamos miolos, porque um ou outro freguês sempre pedia. O açougue abria às sete da manhã e trabalhávamos até as sete, oito da noite. Aos dezessete anos, eu era jovem e cheio de energia, gostava de trabalhar, mas por volta das cinco da tarde me sentia acabado. E lá estava ele, ainda a toda, jogando quartos dianteiros de mais de quarenta quilos nas costas a fim de pendurá-los num gancho da geladeira. Lá estava ele, cortando e fatiando com as facas, talhando com o cutelo, ainda atendendo a novos pedidos às sete, quando eu me encontrava à beira de um colapso. Mas minha última função antes de irmos para casa era limpar os cepos, jogar serragem neles e depois raspá-los com a escova de ferro. Reunindo as forças que ainda me restavam, eu retirava todo o sangue para manter o local *kosher*.

Lembro-me desses sete meses como um tempo maravilhoso — maravilhoso exceto pelas horas em que tinha de eviscerar as galinhas. E até isso era de certo modo maravilhoso, por ser

alguma coisa que eu fazia, e fazia bem, mesmo não gostando de fazer. Havia, portanto, uma lição em fazê-lo. E eu amava as lições — quanto mais, melhor! E amava meu pai, e ele a mim, mais do que em qualquer outra época de nossa vida. Eu preparava nosso almoço na loja, o dele e o meu. Não apenas almoçávamos lá, mas também era lá que cozinhávamos numa pequena grelha no quarto dos fundos, junto ao lugar onde cortávamos e preparávamos a carne. Eu grelhava fígados de galinha e bifes de fraldinha para nós dois, e nunca fomos tão felizes juntos. No entanto, logo depois começou a luta destrutiva entre nós. Onde é que você foi? Por que não estava em casa? Como posso saber onde você está quando vai para a rua? Você é um rapaz com um futuro magnífico à sua frente, como posso saber se não está se metendo em lugares onde pode acabar sendo morto?

Durante aquele outono em que comecei a cursar o primeiro ano da Robert Treat, achava que meu pai tinha enlouquecido quando trancava por dentro as portas da frente e de trás. Não podendo abri-las com minhas chaves, eu tinha de esmurrar uma das portas para que me deixassem entrar se chegasse em casa à noite vinte minutos depois da hora em que ele achava que eu devia ter chegado.

E o que tinha enlouquecido meu pai era a preocupação de que seu adorado filho único estivesse tão despreparado para os perigos da vida quanto qualquer outra pessoa prestes a se tornar um adulto; enlouquecido ao fazer a assustadora descoberta de que um menino cresce, fica alto, supera seus pais, e que não é mais possível mantê-lo sob controle, que é necessário cedê-lo ao mundo.

Abandonei a Robert Treat ao final de um único ano. Fui embora porque, de repente, meu pai não tinha mais confiança nem ao menos na minha capacidade de atravessar a rua sozinho. Fui embora porque a vigilância de meu pai se tornara insuportável. A expectativa de que eu viesse a ser independente fez com que aquele homem antes tranquilo, que só de raro em raro perdia a paciência com alguém, desse a impressão de que tencionava cometer alguma violência caso eu ousasse desapontá-lo,

enquanto eu — cujo pendor para a frieza dos lógicos me transformara no esteio da equipe de debate do colégio — terminava urrando de frustração diante de sua ignorância e irracionalidade. Tinha de me afastar dele antes que o matasse — foi o que disse, enfurecido, à minha perturbada mãe, que agora se via tão inesperadamente incapaz de influenciá-lo quanto eu.

Certa noite cheguei em casa por volta das nove e meia vindo de ônibus do centro da cidade. Havia estado na maior sucursal da Biblioteca Pública de Newark porque a Robert Treat não tinha sua própria biblioteca. Saíra de casa às oito e meia da manhã e passara o dia assistindo aulas e estudando. A primeira coisa que minha mãe disse foi: “Teu pai saiu para te procurar”. “Por quê? Onde é que ele está procurando?” “Foi para um salão de sinuca.” “Nem sei jogar sinuca. O que é que ele está pensando? Droga, eu estava estudando. Precisava escrever um ensaio. Estava lendo. O que mais ele pensa que eu faço dia e noite?” “Ele estava conversando com o senhor Pearlgreen sobre o Eddie e ficou todo nervoso por sua causa.” Eddie Pearlgreen, cujo pai era nosso encanador, se formara comigo no ginásial e tinha ido cursar uma universidade em Panzer, East Orange, porque queria ser professor de educação física. Eu havia jogado beisebol com ele desde criança. “Só que eu sou eu; não sou o Eddie Pearlgreen”, eu disse. “Mas você sabe o que ele fez? Sem dizer nada a ninguém, pegou o carro do pai e dirigiu até a Pensilvânia, até Scranton, para jogar sinuca num salão especial que tem lá.” “Mas Eddie é quase um jogador profissional de sinuca. Não me surpreende que tenha ido até Scranton. Eddie não consegue escovar os dentes de manhã sem pensar em sinuca. Não me surpreenderia que fosse à lua para jogar sinuca. Com gente que não o conhece, Eddie finge que joga no nível deles e depois lhes dá uma surra de criar bicho por vinte e cinco dólares cada partida.” “Ele vai acabar roubando carros, foi o que o senhor Pearlgreen disse.” “Ah, mamãe, isso é ridículo. O que quer que o Eddie faça não tem nada a ver comigo. E *eu* vou acabar roubando carros?” “Claro que não, meu querido.” “Não gosto desse jogo de que o Eddie gosta, não gosto do tipo de

ambiente de que ele gosta. Mamãe, não me interesso por gente e lugares de baixo nível. Me interesso pelas coisas que são importantes. Não quero nem passar na porta de um salão de sinuca. Ah, olha, já chega de explicar o que eu sou e o que não sou. Não vou me explicar nem mais uma vez. Não vou fazer uma lista de minhas qualidades para ninguém ou mencionar a droga do meu senso de dever. Não aceito me submeter nem mais uma vez a essa porcaria ridícula e absurda!” Ao que, como se obedecendo a um roteiro teatral, meu pai entrou em casa pela porta dos fundos, ainda muito excitado, fedendo a fumaça de cigarro, e agora furioso não por me haver encontrado num salão de sinuca, mas por não me haver encontrado lá. Não lhe teria passado pela cabeça ir até o centro da cidade e me procurar na biblioteca pública — e isso porque, na biblioteca, ninguém quebra sua cabeça com um taco de sinuca por você se fazer de bobo para ganhar dinheiro, nem o ameaça com uma faca porque você está lendo um capítulo do *Declínio e queda do Império Romano*, de Gibbon, por recomendação do professor, como eu havia estado desde as seis da tarde.

“Então aqui está você”, ele anunciou. “Estranho, não é? Em casa. Eu durmo aqui. Vivo aqui. Sou seu filho, lembra-se?” “É mesmo? Estou procurando você por toda a parte.” “Por quê? Por quê? Gostaria que alguém, por favor, me dissesse por que ‘por toda a parte’.” “Porque, se acontecesse qualquer coisa com você, se alguma coisa um dia vier a acontecer com você...” “Mas não vai acontecer nada, papai, não sou esse terror dos diabos que joga sinuca, o Eddie Pearlgreen! Não vai acontecer nada.” “Ora bolas, sei que você não é ele. Sei melhor do que ninguém que dei sorte com meu filho.” “Então, papai, qual é a razão para tudo isso?” “A razão é a vida, onde o menor passo em falso pode ter consequências trágicas.” “Ah, meu Deus, você fala como se fosse uma cartomante.” “Ah, é? Falo? Não como um pai preocupado mas como uma cartomante? É isso que eu pareço quando estou falando com meu filho sobre o futuro que ele tem à sua frente e que qualquer coisa pode destruir, a menor coisinha?” “Ah, quero que se dane!”, gritei e saí correndo de casa, pensan-

do onde poderia achar um carro para roubar e ir até Scranton jogar sinuca e talvez, de passagem, pegar uma gonorreia.

Mais tarde, soube por minha mãe tudo o que acontecera naquele dia, como o senhor Pearlgreen tinha vindo de manhã consertar a privada nos fundos da loja e deixado meu pai matutando até a hora de fechar sobre a conversa que haviam tido. Deve ter fumado três maços de cigarro, ela me disse, porque estava muito agitado. “Você não sabe como ele tem orgulho de você. Todo mundo que entra na loja é um tal de ‘o meu filho só tira nota 10. Nunca nos dá nenhuma tristeza. Nem precisa olhar os livros, é automaticamente 10’. Querido, ele te elogia sem parar quando você não está presente. Precisa acreditar nisso. Vive se vangloriando de você.” “Mas quando *estou* presente ele só fala desses medos malucos, e já não aguento mais ouvir essas coisas, mamãe.” Minha mãe disse: “Mas, Markie, eu ouvi ele dizer ao senhor Pearlgreen: ‘Agradeço a Deus que não tenho de me preocupar com essas coisas no caso do meu menino’. Eu estava lá com ele na loja quando o senhor Pearlgreen veio por causa do vazamento. Foi isso mesmo que ele disse quando o senhor Pearlgreen contou sobre o Eddie. Foi exatamente o que ele falou: ‘Não tenho de me preocupar com essas coisas no caso do meu menino’. Mas aí o senhor Pearlgreen — e foi isto que causou a confusão toda — disse o seguinte: ‘Me ouve bem, Messner. Gosto de você, Messner, você foi bom para nós, ajudou minha mulher durante a guerra nos dando carne, então escuta alguém que sabe das coisas porque estão acontecendo com ele. Eddie também está na universidade, mas isso não quer dizer que entende que deve ficar longe dos salões de sinuca. Como é que perdemos o Eddie? Ele não é um mau menino. E que tal seu irmão menor, que tipo de exemplo ele dá para o irmão mais moço? O que é que fizemos de errado para ele de repente ir parar num salão de sinuca em Scranton, a três horas de casa?! Levando meu carro! Onde é que ele arranja dinheiro para a gasolina? No jogo de sinuca! Sinuca! Sinuca! Presta atenção, Messner: o mundo está esperando, está lambendo os beijos, para levar o seu rapaz’”. “E meu pai acredita nele”, eu disse.

“Meu pai acredita não no que ele vê com seus próprios olhos a vida toda, mas no que lhe diz o encanador, de joelhos, conservando a privada nos fundos da loja!” Eu não conseguia parar. Ele tinha entrado em parafuso por causa de um comentário despropositado de um encanador! “É, mamãe”, eu disse por fim, saindo enfurecido para meu quarto, “as menores coisas, as mais bobas, realmente têm consequências trágicas. Ele prova isso!”

Eu tinha de ir embora, só não sabia para onde. Não entendia nada de universidades. Auburn. Wake Forest. Ball State. SMU. Vanderbilt. Muhlenberg. Não eram para mim mais do que nomes de times de futebol americano. Todo outono eu acompanhava com grande interesse os resultados dos jogos universitários no programa esportivo do Bill Stern, nas noites de sábado, porém pouco sabia sobre as diferenças acadêmicas entre as instituições que disputavam as partidas. Louisiana State 35, Rice 20; Cornell 21, Lafayette 7; Northwestern 14, Illinois 13. *Essa* era a diferença que eu conhecia: a distância em pontos entre os escores. Uma universidade era uma universidade — tudo que interessava a uma família tão pouco sofisticada quanto a minha é que você cursava qualquer uma delas e no final obtinha um diploma. Eu frequentava a do centro da cidade porque era perto de casa e podíamos arcar com os custos.

E eu estava satisfeito com isso. No começo de minha vida madura, antes que tudo de repente ficasse tão difícil, eu tinha um grande talento para ficar satisfeito. Era assim desde a infância, e isso ainda fazia parte de meu repertório no primeiro ano da Robert Treat. Eu vibrava por estar lá. Rapidamente passei a idolatrar os professores e fazer amizade com os colegas, quase todos de famílias de trabalhadores, como a minha, e com um nível de educação similar ao meu. Alguns eram judeus e vinham de meu colégio ginásial, mas a maior parte não era, e no início eu ficava animado ao almoçar com eles exatamente *porque* eram irlandeses ou italianos — pertencendo assim, para mim, a uma nova categoria não apenas de habitantes de Newark, mas de se-

res humanos. E também estava animado por estar fazendo cursos de nível superior; embora eles fossem rudimentares, alguma coisa começava a acontecer em meu cérebro semelhante ao que ocorreu quando vi o alfabeto pela primeira vez. E, além disso (depois que o treinador me fez segurar o bastão alguns centímetros acima e bater na bola com o único objetivo de lançá-la além das bases, em vez de tentar cegamente isolá-la para fora do campo, como eu costumava fazer no ginásio), naquela primavera ganhei uma vaga no pequeno time de beisebol do primeiro ano da universidade, jogando na segunda base ao lado de um colega chamado Angelo Spinelli.

Mas, acima de tudo, eu estava aprendendo, descobrindo algo novo a cada hora do dia escolar, razão pela qual até gostava que a Robert Treat fosse tão pequena e modesta, mais como um clube de vizinhança do que uma universidade. A Robert Treat se escondia na extremidade norte do centro da cidade, sempre muito movimentado por causa dos edifícios de escritórios, lojas de departamentos e negócios especializados, em geral tocados por uma só família. Espremida entre um pequeno parque triangular da Guerra da Independência infestado de vagabundos imundos (a maioria dos quais conhecíamos pelo nome) e o lamacento rio Passaic, a universidade consistia de dois edifícios bastante banais. O primeiro era uma velha cervejaria, próxima à zona industrial da margem do rio, cuja fachada de tijolos guardava as manchas de fumaça da chaminé e cujo interior fora convertido em salas de aula e laboratórios de ciência onde eu tinha as lições de biologia. O segundo ficava a vários quarteirões de distância, do outro lado da avenida principal da cidade e de frente para o parquinho que nos servia de campus (e onde nos sentávamos ao meio-dia para comer sanduíches preparados de manhã cedinho enquanto os vagabundos, que dividiam os bancos conosco, compartilhavam entre si a garrafa de moscatel). Era um pequeno edifício neoclássico de quatro andares, com fachada de pedra e uma entrada sustentada por pilares que, de fora, fazia lembrar a instituição bancária que efetivamente havia sido durante a maior parte do século XX. O interior abri-

gava os escritórios da administração e as salas de aula improvisadas onde eu tinha as aulas de história, inglês e francês ministradas por professores que me chamavam de “senhor Messner” em vez de “Marcus” ou “Markie”, e cujos exercícios escritos eu procurava terminar antes da data de entrega. Estava ansioso para me tornar adulto, um adulto educado, maduro e independente, exatamente aquilo que vinha causando terror em meu pai, que, mesmo quando me trancava do lado de fora como punição por eu ter começado a gozar as prerrogativas mais ínfimas da vida de um jovem adulto, sentia imenso orgulho de minha devoção aos estudos e de meu status único na família como universitário.

Meu primeiro ano na universidade foi o mais estimulante e o mais horrível de minha vida, motivo pelo qual no ano seguinte fui parar na Winesburg, pequena instituição dedicada a formar profissionais liberais e engenheiros numa área rural do centro-norte de Ohio, a uns trinta quilômetros do lago Erie e a oitocentos quilômetros da tranca dupla de nossa porta dos fundos. O belo campus da Winesburg tinha árvores altas e graciosas (soube depois por uma namorada que se tratava de olmos) e gramados quadrangulares cercados de prédios com fachadas de tijolos cobertas de hera. Situado numa colina pitoresca, poderia servir de cenário para um daqueles musicais em tecnicolor ambientados numa universidade em que os alunos passam o tempo todo cantando e dançando em vez de estudar. A fim de custear minha ida para uma universidade longe de casa, meu pai teve de dispensar Isaac, o jovem judeu ortodoxo bem-educado e caladão que usava solidéu e tinha começado a ser treinado como auxiliar depois que entrei na universidade. Com isso, minha mãe, cujas funções Isaac iria eventualmente assumir, teve de voltar a trabalhar junto com meu pai em tempo integral. Só assim ele pôde arcar com as novas despesas.

Fui designado para um quarto no Jenkins Hall, onde descobri que os três outros rapazes com quem teria de viver também eram judeus. Achei estranho aquele arranjo, primeiro porque esperava ter apenas um colega de quarto, e, segundo, porque

parte da aventura de ir para uma universidade no distante estado de Ohio consistia na oportunidade de viver entre não judeus e ver como as coisas correriam. Meus pais consideravam essa ideia esdrúxula, se não perigosa, porém para mim, aos dezoito anos, fazia todo o sentido. Spinelli, assim como eu aluno do curso preparatório de direito, se tornara meu maior amigo na Robert Treat, e o fato de me haver levado à casa no bairro italiano para conhecer sua família, comer a comida deles e ouvi-los falar com sua pronúncia típica fazendo piadas em italiano tinha sido tão fascinante quanto o curso de dois semestres sobre a história da civilização ocidental, em que o professor, a cada aula, revelava mais um detalhe sobre como o mundo tinha evoluído antes de eu existir.

O quarto era comprido, estreito, fedorento e mal iluminado, com beliches nas duas extremidades do assoalho gasto e quatro escrivaninhas de madeira velhas e pesadonas, arranhadas por anos de uso, encostadas nas paredes pintadas de um verde deprimente. Ocupei a cama de baixo porque a de cima já fora tomada por um sujeito magricela de óculos e de cabelos muito pretos chamado Bertram Flusser. Não se dignou a aper-tar minha mão quando tentei me apresentar, olhando-me como se eu pertencesse a uma espécie que ele tivera a sorte de nunca haver encontrado antes. Os outros dois rapazes também me olharam de cima a baixo, embora sem nenhum desdém, e por isso me apresentei a eles, e eles a mim, de um modo que me deixou algo convencido de que, entre meus companheiros de quarto, Flusser era especial. Os três cursavam o terceiro ano de inglês e eram membros da sociedade teatral da universidade. Nenhum deles pertencia a nenhuma fraternidade.

Havia doze fraternidades no campus, mas só duas admitiam judeus: uma, bem pequena e composta unicamente de judeus, tinha uns cinquenta membros; a outra era uma fraternidade não sectária ainda menor, fundada lá mesmo por um grupo de estudantes idealistas que aceitavam qualquer pessoa que pudesse agarrar. As outras dez estavam reservadas aos cristãos brancos, um esquema que ninguém imaginaria desa-

fiar num campus que tanto se orgulhava de suas tradições. As imponentes casas das fraternidades cristãs, com suas fachadas de pedras não polidas e portas dignas de castelos, dominavam a Buckeye Street, uma avenida ladeada de árvores e dividida em duas por um pequeno gramado com um canhão da Guerra Civil, o qual, segundo a piadinha picante repetida a todos os recém-chegados, disparava sempre que uma virgem passava diante dele. Cruzando ruas com grandes árvores e casas de madeira velhas porém bem cuidadas, a Buckeye Street ia do campus à única artéria comercial da cidadezinha, Main Street, que se estendia por quatro quarteirões e unia a ponte sobre o Wine Creek à estação da estrada de ferro. A Main Street era dominada pela New Willard House, a hospedaria em cujo bar os ex-alunos se reuniam nos fins de semana em que havia jogos de futebol americano para relembrar, com a ajuda de doses cava- lares de álcool, seus tempos de estudante. Graças ao serviço de procura de empregos da universidade, passei a trabalhar lá como garçom nas noites de sexta e sábado, ganhando o salário mínimo de setenta e cinco centavos por hora, além das gorjetas. Quase toda a vida social dos cerca de mil e duzentos alunos da universidade se passava atrás das pesadas portas com ferragens negras das fraternidades e em seus vastos gramados — onde, fizesse chuva ou sol, dois ou três rapazes podiam ser sempre vistos jogando uns para os outros uma bola de futebol americano.

Flusser, meu companheiro de quarto, desprezava tudo que eu dizia e zombava de mim sem pena. Quando eu tentava ser agradável com ele, me chamava de Príncipe Encantado. Quando lhe dizia para não me chatear, ele respondia: “Um garoto tão grandinho com uma pele tão sensível”. À noite, insistia em ouvir Beethoven no toca-discos depois que eu ia dormir, e o fazia num volume que parecia não perturbar meus outros dois colegas de quarto tanto quanto a mim. Eu não entendia nada de música clássica, não gostava muito do gênero e, além de tudo, precisava dormir para poder trabalhar no fim de semana e obter o tipo de notas que me havia garantido um lugar na lista de

honra do reitor da Robert Treat durante os dois semestres em que estive lá. Flusser nunca se levantava antes do meio-dia, mesmo se tivesse aulas, e sua cama estava sempre desarrumada, as cobertas caindo descuidadamente pelo lado e obscurecendo a vista do quarto que eu tinha da minha cama. Conviver com ele era até pior do que viver com meu pai durante o primeiro ano na universidade — meu pai ao menos saía o dia inteiro para trabalhar no açougue e, embora de um jeito fanático, se preocupava com meu bem-estar. Meus três companheiros de quarto iam participar no outono da encenação da *Décima segunda noite*, uma peça da qual eu nunca tinha ouvido falar. Havia lido *Júlio César* no ginásio e *Macbeth* no curso de literatura inglesa no primeiro ano da universidade, mas era tudo. Na *Décima segunda noite*, Flusser faria o papel de um personagem chamado Malvolio, e, nas noites em que não estava escutando Beethoven em horas impróprias, ficava deitado na cama em cima da minha recitando suas falas em voz alta. Às vezes saltitava pelo quarto treinando a fala de saída: “Vou me vingar de você e de toda essa corja”. De minha cama eu pedia: “Flusser, por favor, pode falar mais baixo?”, ao que ele respondia — berrando, grasnando ou num sussurro ameaçador: “Vou me vingar de você e de toda essa corja”.

Poucos dias depois de chegar ao campus, comecei a procurar no dormitório alguém com uma cama vazia no quarto que me aceitasse como companheiro. Isso me tomou várias semanas, durante as quais cheguei ao máximo de minha frustração com Flusser. Certa noite, mais ou menos uma hora depois de ter ido para a cama, levantei-me urrando para arrancar um LP de seu toca-discos e, no ato mais violento que até então havia perpetrado em toda a minha vida, arrebentá-lo contra a parede.

“Você acabou de destruir o Quarteto número 16 em Fá maior”, ele disse, estatelado na cama de cima onde fumava sem haver tirado nem as roupas nem os sapatos. “Não me interessa! Estou tentando dormir!”

As lâmpadas do teto tinham sido acesas por um dos outros rapazes. Ambos estavam fora de suas camas e, só de cuecas, es-